

MOTIVAÇÕES SIMBÓLICAS E IMAGENS ARQUETÍPICAS DA NARRATIVA SERIADA TRUE DETECTIVE

TRUE DETECTIVE'S SYMBOLIC MOTIVATIONS AND ARCHETYPAL IMAGES

MOTIVACIONES SIMBÓLICAS E IMÁGENES ARQUETÍPICAS DE LA NARRATIVA SERIADA TRUE DETECTIVE

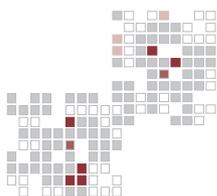
Danilo Fantinel

- Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil.
- E-mail: danilo.fantinel@gmail.com

Adriana Pierre Coca

- Pós-doutoranda em Ciências da Informação na área de Jornalismo e Estudos Mediáticos da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- E-mail: pierrecoca@hotmail.com .

220



RESUMO

Nesta reflexão, observamos as motivações simbólicas que dinamizam a primeira temporada da série de TV *True Detective* (2014). Analisamos a narrativa tanto como antiga forma de contar histórias quanto como resultado das capacidades humanas de simbolização e de produção artístico-cultural. A abordagem evidencia como o imaginário antropológico, grande sistema dinamizador de imagens simbólicas de raiz arquetípica, oferece conteúdos para motivar a produção cultural e midiática. Propomos uma leitura simbólica dos elementos imaginários da narrativa levando em conta os aspectos do roteiro, as imagens e os sons.

PALAVRAS-CHAVE: IMAGINÁRIO; NARRATIVA SERIADA; SÍMBOLOS; ARQUÉTIPOS.

ABSTRACT

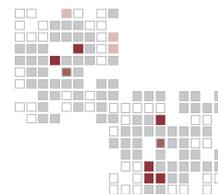
This paper observes the symbolic motivations that dynamise the first season of *True Detective* (2014). In order to do that we analyse its narrative as both an ancient way of storytelling and as a result of human symbolization. This study aims to reveal how anthropological imaginary and its archetypal images, symbolisms and myths offer elements to motivate cultural and media production. We now propose a symbolic review of the symbolic contents of this TV show taking into account its script, images and sounds.

KEYWORDS: IMAGINARY; SERIAL NARRATIVES; SYMBOL; ARCHETYPE.

RESUMEN

En esta reflexión, observamos las motivaciones simbólicas que dinamizan la primera temporada de la serie de TV *True Detective* (2014). Analizamos la narrativa tanto como antigua forma de contar historias como resultado de las capacidades humanas de simbolización y de producción artístico-cultural. El enfoque evidencia cómo el imaginario antropológico, gran sistema dinamizador de imágenes simbólicas de raíz arquetípica, ofrece contenidos para motivar la producción cultural y mediática. Proponemos una lectura simbólica de los elementos imaginarios de la narrativa teniendo en cuenta los aspectos del guión, las imágenes y los sonidos.

PALABRAS CLAVE: IMAGINARIO; NARRATIVA SERIADA; SÍMBOLOS; ARQUETIPOS.



1. Dramatização e narrativa entre o sensível e o racional

A narrativa está presente na história humana desde tempos imemoriais. Trata-se não apenas de uma forma de contar histórias, mas também de compreender o mundo. Narrativas míticas, artísticas, filosóficas ou científicas propõem explicações ou problematizações sobre a experiência humana, extrapolando linguagens em inúmeras possibilidades expressivas. No que diz respeito à imagem em movimento, também se colocam como linguagem própria à narração.

De fato, a narrativa é aspecto central da cultura e das representações artísticas, especialmente na literatura e no audiovisual do século XX, quando suas possibilidades são largamente estendidas. Porém, essas duas expressões artísticas repercutem outras estruturas narrativas mais antigas, como as epopéias, os dramas e as tragédias do mundo antigo – ou mesmo os mitos que lhe deram origem. David Mamet faz observações sobre isso, dando atenção à tragédia e à figura do herói no teatro da civilização humana:

A tragédia celebra a subjugação do indivíduo e com isso a sua libertação do fardo da repressão e de sua acompanhante, a ansiedade (...). O teatro tem como tema a jornada do herói, sendo o herói ou a heroína aquelas pessoas que não cedem à tentação. A história do herói é sobre uma pessoa que está passando por um teste que ela não escolheu. (...) O herói de uma tragédia tem de lutar contra o mundo, embora indefeso e sem outras ferramentas que não sua vontade. Todas as mãos se erguem contra esses heróis e eles não estão à altura da jornada que tem de empreender. A força desses heróis vem de seu poder de resistência (Mamet, 2001, p. 22 e 24).

O autor entende a capacidade dramática do sujeito como algo intrínseco à sua cognição. Disso surge também a produção literária e audiovisual.

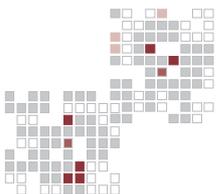
O cinema, nascido em pleno domínio da literatura burguesa, herdou as características narrativas do romance realista e também moderno, desenvolvendo então suas próprias técnicas, convenções, estruturas.

No audiovisual, na maior parte dos casos, depende do roteirista a boa articulação do enredo para que filme ou vídeo, assim que montados, consigam narrar uma história interessante. Essa trama precisa ser narrada adequadamente, arquitetando os teores sensíveis e pulsionais do drama humano segundo uma estrutura lógica na qual as ações ocorram em trechos de espaço-tempo – mesmo que fragmentados e alternados.

Percebe-se que a capacidade dramática humana, ou seja, sua habilidade em construir histórias e propor narrativas para contá-las, responde a instintos simbólicos pulsionais, sensíveis, que lidam com imagens e saberes advindos da experiência dramática do homem em seu mundo, mas também decorre de racionalização, de processos cognitivos que imprimem lógica aos teores criativos, afetivos.

O mesmo ocorre na elaboração de histórias audiovisuais. Naturalmente, o roteirista estará atento às técnicas e estéticas que fundamentam a linguagem audiovisual ao desenvolver uma história e escrever um roteiro. Porém, não se trata apenas disso. Ao elaborar histórias, articulando tema, premissa, trama e uma narrativa que finalmente contará detalhes desse enredo ao espectador, o roteirista está estruturando um produto cultural e midiático que responde a motivações simbólicas de ordem imaginária que inspiram a cultura e arte humanas há milênios.

Nas séries de TV, o showrunner e seu grupo de roteiristas, bem como o diretor de cada episódio e as equipes que neles trabalham, apresentam audiovisuais dinamizados em grande parte – ou pelo menos em seus eixos centrais, fundantes – por imagens simbólicas e fragmentos míticos constitutivos do imaginário humano. Alguns autores



ajudam a entender como se dá esse processo.

2. Os arquétipos como raízes da simbolização

No caso da poesia e da literatura, Gaston Bachelard (1991), ao abordar uma imaginação material ligada aos quatro elementos da cosmologia grega, e Gilbert Durand (2000; 2012), proponente de longo estudo sobre o imaginário antropológico de raiz arquetípica, dão ótimos indícios sobre como as grandes imagens simbolicamente vivenciadas pelas sociedades acabaram passando de sua imaterialidade de símbolo para a materialidade da palavra escrita.

Se estudos dos autores citados aliados a incontáveis pesquisas psicanalíticas, antropológicas, mitológicas e literárias mostram que a experiência do homem gerou imagens simbólicas e que essas ganharam representações pela cultura e pela arte ao longo do tempo, entendemos que também o audiovisual é simbolicamente motivado.

Essa motivação simbólica é múltipla, polifônica, porém Bachelard e Durand concordam que sua origem está nos arquétipos delineados por Carl Gustav Jung (2002). Tipos arcaicos primordiais, os arquétipos são fruto da experiência de sujeitos ao longo da evolução psicossocial que se fixaram na mente humana. Assemelham-se a imagens imateriais, universais, que habitam a psique desde os tempos longínquos. Transitando entre povos e gerações, são como registros residuais e simbólicos dessas experiências, oferecendo aos sujeitos padrões de organização psíquica e de referenciais simbólico-culturais necessários para a vida pessoal e social.

Conforme Jung, arquétipos são como modelos inatos e hereditários presentes no inconsciente coletivo, a dimensão mais profunda da psique humana, existente abaixo de duas camadas superficiais conhecidas como o inconsciente pessoal e o consciente, respectivamente.

Este teor coletivo remete à natureza universal e não estritamente individual do inconsciente

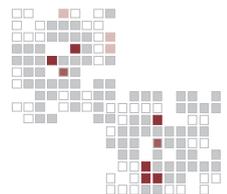
humano. Portanto, apesar de ter traços que são pessoais e únicos, o inconsciente apresenta conteúdos e modos de comportamento que são “[...] idênticos em todos os seres humanos, constituindo um substrato psíquico comum de natureza suprapessoal que existe em cada indivíduo” (Jung, 2002, p. 15).

Portanto, arquétipos são elementos recorrentes em sujeitos que viveram ou vivem em espaços-tempos diferentes, mas que compartilham conteúdos psíquicos e raízes simbólico-culturais semelhantes. Tais conteúdos são como imagens ancestrais coletivas que se propagaram universalmente e que “irrompem na existência através de uma função psíquica natural” (Jung, 1978, p. 13).

Entretanto, arquétipos não são imagens figurativas definidas, nítidas. Ao contrário. Ainda que sejam motivadores da produção simbólico-cultural humana e que, por consequência, inspirem representações artísticas e midiáticas, os arquétipos são mesmo modelos ideais e universais de experiência e de comportamento impregnados na mente humana como energia psíquica. Assim, afastam-se da ideia errônea de que se assemelham a imagens visuais vagando pelo inconsciente. Seriam mais bem entendidos como potencialidades psíquicas presentes na mente que se colocam como raízes de todas as imagens – sendo elas imagens poéticas (Bachelard, 1991, 2013), imagens simbólicas constitutivas do imaginário (Durand, 2000 e 2012) ou imagens técnicas (Flusser, 2011), presentes em filmes ou séries de TV.

Como apontou Durand (2012), os arquétipos alimentam o imaginário antropológico, dando origem a imagens arquetípicas, simbolismos, imagens simbólicas, mitos e metáforas. Essa produção simbólica é traduzida em produtos culturais e artísticos ao longo do tempo.

De nossa parte, buscamos entender como essa carga simbólica altamente pregnante, de ordem imaginária, acaba por motivar também produtos midiáticos audiovisuais. Inspirados por Ba-



chelard (1991) e Durand (2000; 2012) e também pelo historiador das religiões Mircea Eliade, buscamos entender neste artigo quais são os elementos imaginários dinamizadores de *True Detective*. Por meio de uma leitura simbólica sobre a narrativa seriada, propomos um olhar para compreender como as imagens simbólicas alinhavam a trama e motivam seu protagonista.

3. Dinâmicas arquetípicas em *True Detective*: vida/morte e luz/trevas¹.

Há pelo menos dois pilares simbólicos de alta pregnância na primeira temporada da série *True Detective*, lançada em 2014 pela HBO com assinatura de Nic Pizzolatto¹.

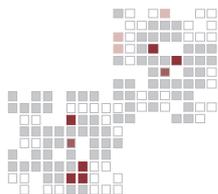
A dinâmica arquetípica de vida/morte motiva profundamente a história narrada. Se no mundo químico-biológico vida e morte não podem ser dissociadas, o mesmo ocorre no simbolismo dinamizado por esses dois fatos da existência. Portanto, esses dois aspectos fisiológicos despertam imagens arquetípicas e simbolismos próprios, mas complementares, que devem ser compreendidos em seu caráter coletivo de experiência e de simbolização humanas. De fato, as ciências humanas demonstram que muitas expressões míticas, poéticas e literárias ecoam vida e morte de forma criativa através dos milênios. Diferentes estudos dimensionam adequadamente essas relações simbólicas. Assim, o método junguiano de estudo das imagens arquetípicas e dos simbolismos, bem como a metodologia durandiana de observação de produtos culturais pela ótica do imaginário antropológico, se colocam como interessantes métodos hermenêuticos. Ou seja, para se interpretar e compreender elementos imaginários, simbólicos, devemos apreciá-los como fazem os tradutores ao abordar o significado de palavras, ou seja, buscando o termo (em nosso

caso, o arquétipo ou o símbolo) em diferentes contextos psíquicos ou mítico-culturais² para assim compreendê-los em sua complexidade e polissemia, verificando dessa forma quais sentidos eles podem sugerir nos contextos psíquicos ou mítico-culturais em que se apresentam. Portanto, produtos culturais e midiáticos não expressam nem representam imagens arquetípicas em si, porém essas sim motivam e despertam simbolismos e sentidos que vão dinamizar a essência desses objetos da cultura ou da mídia. Dessa forma, seus sentidos não são puros, únicos, pois variam conforme os contextos históricos, culturais ou midiáticos em que se manifestam – sendo essa a condição polissêmica do símbolo. Em *True Detective*, a imagem arquetípica da vida surge ligada aos simbolismos de fertilidade (motivados pelas imagens simbólicas – e nesse caso também técnicas – da árvore da vida e do vegetalismo abundante). Entrelaçada a ela, em simbolismo dual oposto e complementar, a imagem arquetípica da morte motiva cenas impactantes com imagens técnicas de corpos mortos de meninas férteis em locações marcadas pelos elementos cosmológicos terra e água – que em dimensão simbólica também dinamizam amplos sentidos de vida e morte, como veremos adiante.

A dinâmica arquetípica de luz/trevas é igualmente motivadora de *True Detective*. Sendo dois arquétipos opostos e complementares fundamentais do inconsciente coletivo, de alta pregnância simbólica no imaginário humano, a luz e as trevas inspiram a imaginação criadora do homem (Bachelard, 1991) há milênios, derivan-

¹ Nascido em 1975 em New Orleans, na Louisiana, o novelista deu aulas de literatura na University of Chicago antes de escrever roteiros audiovisuais a partir de 2010.

² Esses diferentes contextos psíquicos, míticos ou culturais se deram ao longo dos séculos e foram registrados em nossa memória vivida, em mitos e cantos repassados oralmente a cada geração. Posteriormente, algumas de suas versões foram fixadas pela produção poética e literária. Há pouco mais de cem anos, seus resquícios passaram a motivar a produção audiovisual. No estudo das imagens simbólicas, apenas a comparação de suas ocorrências em diferentes civilizações, tradições e produções culturais poderia sugerir aproximações à complexidade do símbolo.



do incontáveis (e convergentes) conteúdos imaginários. Na cultura humana, o arquétipo da luz dinamiza o simbolismo espetacular (Durand, 2012), que move imagens simbólicas de iluminação, luminescência e translucidez (voltados à pureza), bem como a própria imagem do sol e dos círculos, discos ou halos solares míticos, celestes, sacros, além dos sentidos de luminosidade contra as trevas e de iluminação como saber, conhecimento, transcendência, clarividência e olhar soberano. Em coincidência opositora, as trevas ligam-se ao universo simbólico da angústia diante da temporalidade e da finitude da vida, produzindo imagens simbólicas nefastas do obscuro, do submundo, da escuridão, da noite terrível, bem como sentidos de queda, morte, medo, dor, desespero, desconforto, inquietação.

As formas como a motivação simbólica oriunda desses temas arquetípicos centrais se manifestam na linguagem audiovisual de *True Detective* merecem atenção.

4. Leitura simbólica da série

Em 2012, os agora detetives particulares Rust Cohle (Matthew McConaughey) e Martin Hart (Woody Harrelson) são entrevistados/interrogados pelos investigadores policiais Maynard Gribble (Michael Potts) e Thomas Papania (Tory Kittles) sobre a investigação de crimes cometidos por um *serial killer* na Louisiana em 1995, quando Rust e Martin integravam a polícia estadual.

True Detective s01e01³

O protagonista Rust é um forasteiro na cidade em que foi designado para atuar como investigador de polícia. Após passar por forças policiais de outros Estados, incluindo uma pesada divisão

³ A nomenclatura *True Detective* s01e01 refere-se ao primeiro episódio da primeira temporada da série em questão, assim como *True Detective* s01e02 refere-se ao segundo episódio da primeira temporada, e assim por diante.

de entorpecentes na qual trabalhou infiltrado em uma gangue, Rust se tornou usuário de drogas, remédios e álcool. O vício não afetou sua genialidade em investigações nem sua perspicácia na observação das pessoas e da realidade, porém agrava sua visão niilista sobre o mundo, provocando *flash-backs* paranóicos constantes.

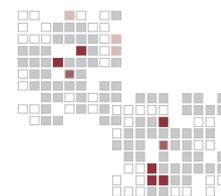
Agora, Rust vive em um povoado banhado pelo pântano, no Delta do Mississippi, habitado por figuras provincianas, toscas. Autoridades ou ribeirinhos, todos têm verniz civilizatório mínimo. Rust é o oposto. Inteligente, conhecedor da ciência e dos costumes, do corpo e da mente, o policial tem ampla experiência em casos difíceis, mas pouco tato com os outros.

Variando entre uma tranquilidade tensa e uma instabilidade desconcertante, Rust tem percepção crítica e aguçada sobre a realidade. Porém, seu intelecto acima da média e sua postura antissocial amplificam a visão negativa das pessoas sobre si: seria um *outsider* pouco confiável, excêntrico, encrenqueiro, desrespeitoso com os locais, egocêntrico, isolado, inatingível. Quieto demais na maior parte do tempo, ácido demais em raros momentos de fala.

Apesar de calmo, a mente de Rust fervilha. Durante seu percurso, passará por muitos desafios, obtendo sucessos e derrotas como toda figura heroica trágica, o que o abalará de diversas formas, chegando mesmo a um momento de crise profunda movida pela imagem simbólica da queda do homem nas trevas.

Tendo isso em vista, percebe-se que na tradução direta a palavra inglesa “rust” significa ferrugem, mas que seu sentido figurado se aproxima tanto do efeito corrosivo em si quanto do dano de algo ou alguém sobre outra pessoa ou coisa. Em outro sentido figurado, “rust” poderia ser semelhante a decair ou a enfraquecer. Em ambos os sentidos figurados, o nome Rust parece semanticamente escolhido para o personagem.

Em seu percurso trágico, próprio dos atormen-



tados pela necessidade de atingir seus desafios, Rust apresenta traços da imagem arquetípica do herói, como a capacidade de discernimento sobre realidade e a disposição para erguer-se contra as imagens nefastas das trevas, da escuridão e da queda (Durand, 2012, p. 158). Essas qualidades constelam com o simbolismo espetacular (Durand, 2012, p. 146) ligado à ascensão e à luz, que se opõem diretamente à queda e às trevas. São, portanto, simbolismos complementares.

Entretanto, além da imagem arquetípica do herói e do simbolismo espetacular, Rust amalgama traços de outras imagens arquetípicas como a do Eremita, a do Mestre ou a do Velho Sábio. Ainda que as imagens do Mestre e do Velho Sábio não estejam associadas necessariamente ao isolamento do ermitão, Rust tem uma qualidade intelectual motivada simbolicamente pelo amplo saber associado a essas imagens arquetípicas altamente pregnantes do imaginário humano. Todas elas articulam um sentido de iluminação ligado ao saber. Com mente privilegiada, o Eremita é mentor, consultor, orientador ou guia – assim como os outros dois também o são. Porém, o Eremita prefere o isolamento. Afastado da sociedade, carrega o cajado e a lanterna na sua busca constante pela luz do saber. Por valorizar a individualidade, a própria imaginação e seu mundo interior, o Eremita pode ser visto como enigmático ou louco. Ainda assim, é paciente e disposto a ouvir e ajudar quem o procura.

Motivado simbolicamente pelo Eremita, Rust apresenta traços semelhantes a essa imagem arquetípica que foi se consolidando no imaginário humano ao longo do tempo.

Rust tem por volta dos 40 anos em 1995, quando a história tem início. Entretanto, envelhece drasticamente até 2012, ano em que a história tem fim. Ao passar das décadas não acumulou apenas idade, mas também conhecimento. Tornou-se potencialmente mais sábio – e mais cético. Introspectivo, quieto e recluso, Rust se sente

mais confortável afastado dos outros, mesmo que seu trabalho exija contatos diretos com pessoas de todo tipo, incluindo as mais desprezíveis.

Como o Eremita, que em sua distância se permite ajudar quem o procura por entender que mesmo isolado segue interligado a tudo e a todos, Rust também vive essa dualidade entre o eu e os outros. Prefere o isolamento, mas age para resolver crimes ocorridos no seio da sociedade, envolvendo-se intensamente. Ou seja, utiliza seu amplo saber para se opor ao obscuro, à escuridão, às trevas. Nesse sentido, aproxima-se da imagem arquetípica do herói, que, como visto, constela com o simbolismo espetacular dinamizado pelo arquétipo da luz, opondo-se à angústia provocada pelas trevas e pela queda.

E se o Eremita carrega o cajado e a lanterna em busca de conhecimento, Rust leva consigo um grande caderno preto em que faz anotações e arquiva provas. Seu caderno, tanto uma arma de investigação policial quanto ferramenta na busca pelo saber, lhe rendeu o desagradável apelido de *taxman* (“homem dos impostos”), como informa seu parceiro Martin Hart.

Hart é totalmente diferente de Rust. Traduzido, o sobrenome Hart significa “veado adulto” em português, mas tem a mesma pronúncia de *heart*, “coração”. De fato, Martin é quase todo coração, em oposição evidente ao perfil altamente cerebral de Rust. Martin pulsa e vibra, porém algumas vezes de forma descompassada. Em crise conjugal após trair a mulher e descontente por ser obrigado a trabalhar com Rust, Martin⁴ costuma evitar racionalizações ao agir emocionalmente. Entretanto, percebe em Rust alguém tão esperto e surpreendente quanto misterioso e arrogante. Sabe que atrás daquela figura quase apática existe um sujeito conflagrado prestes a extravasar.

O primeiro episódio da série dimensiona bem

⁴ Martin Hart não receberá leitura simbólica própria por limitação no tamanho desse artigo.

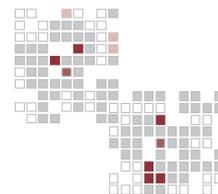


Figura 1: O corpo de Dora Lange é encontrado abaixo de uma árvore, em uma plantação. Fotos: Reprodução.

os personagens e a trama, dando indicativos de suas principais motivações simbólicas. Um suposto ritual ocorre à noite, abaixo de uma árvore, enquanto ao fundo uma linha de vegetação queima no horizonte. Levando em conta a imaginação material elaborada por Bachelard (1991), o fogo apresenta valorizações simbólicas negativas e positivas ao longo da produção mítica, folclórica e poética da humanidade. As chamas em cena seriam de um fogo aterrorizante, símbolo de morte e de destruição? Ou talvez de um fogo purificador, renovador? Neste momento, a narrativa não oferece detalhes para qualquer conclusão, embora a primeira opção seja confirmada posteriormente.

Na cena, Rust e Martin falam sobre o caso Dora Lange, cuja morte dá início à investigação em 1995. Na estrada, os investigadores chegam ao local do crime (Figura 1). Ao longe se vê uma grande árvore em meio à plantação. Essa imagem

técnica é uma representação direta da árvore da vida, imagem simbólica oriunda dos arquétipos da vida e da fertilidade. Porém, aqui esses arquétipos sofrem uma inversão simbólica, se revertendo em imagem arquetípica da morte ao mesmo tempo em que a árvore da vida se transforma em lócus de passamento, palco de atrocidade e de aniquilação do corpo fértil da jovem em um suposto ritual que desvirtua símbolos de vivacidade. Portanto, o roteiro é motivado pela dinâmica arquetípica de vida/morte, cuja alta pregnância marca a existência humana não apenas em sua dimensão biológica, mas também simbólica, religiosa e cultural – sendo a vida e a morte temas de alto interesse. A imagem arquetípica da morte se degrada na imagem técnica audiovisual do corpo morto de uma jovem adornada com elementos ritualísticos (uma galhada de veado – *hart* – na cabeça fixada com uma coroa de espinhos). A



subversão da vida levada a cabo pelo assassino é apresentada com requinte pela linguagem audiovisual empregada pelos realizadores.

Rust demonstra sua genialidade ao analisar o corpo e a cena do crime, descrevendo detalhes sobre as possíveis causas da morte e sobre alguns traços psicológicos que o assassino poderia apresentar tendo em vista o ato cometido. Posteriormente, Martin vai à casa de Rust e descobre o quanto ele vive sozinho, sem conforto, em condições quase precárias, isolado de quase tudo e todos. Sua condição, sua postura antissocial e seu intelecto o aproximam da imagem arquetípica do Eremita, como visto.

Em uma cena, Rust toma um frasco inteiro de barbitúrico (sedativo) antes de investigar prostitutas num bar. Mais adiante ele dirá que não dorme, “só sonha”. Em outra, um legista comenta os artefatos ritualísticos encontrados na cena do crime. Ao final da cena, a câmera faz Rust submergir atrás deles como que consumido pelo mistério do assassinato. O personagem afirma: foi “um crime impessoal, planejado”, dando a entender que não necessariamente seria parte de um rito verdadeiro.

Na sequência, Rust e Martin, investigadores estaduais, pressionam o chefe de polícia local sobre a morte de menina. Seu gabinete é decorado com animais empalhados, incluindo duas cabeças de cervos com galhadas, além de muitas armas, certificados e a bandeira dos Estados Unidos, misturando o oficialismo do Estado com alguns elementos semelhantes aos encontrados na cena do crime. O roteiro cria uma ligação imediata entre esses dois mundos e sugestiona: o poder estabelecido tem alguma culpa na morte da garota?

Neste primeiro episódio, o elemento cosmológico terra se sobressai, movendo antigos sentidos observados pela imaginação material proposta por Bachelard (1991, 2013), pela qual o autor busca observar as ocorrências de imagens de terra, água, fogo e ar nos mitos, folclores e na poética humana. Dinamizando uma imaginação da

matéria terrestre, Bachelard aponta os devaneios da vontade sobre o elemento duro, a terra firme e fértil, e os devaneios do repouso sobre a matéria mole, a lama e as terras que sepultam, que acolhem, que tomam para si.

Esses diferentes aspectos da terra ganham reflexos nítidos nas locações *True Detective*, seja nas terras férteis e firmes das plantações e das matas fechadas, seja nas terras pantanosas e movediças banhadas pelo Mississippi. As duas juntas propõem sentidos diferentes à série: uma de fertilidade e abundância, outra de valorização tectônica negativa, voltada ao submundo, às trevas e à morte. Já na abertura da série, uma terra fértil (da plantação que cresce no terreno) é transformada em solo de morte. A árvore da vida que reina nesse campo fecundo passa a ser leito de morte da fêmea fértil. Portanto, a cena inicial da trama é motivada pela dinâmica arquetípica de vida/morte.

True Detective s01e02

Rust conta sobre a maior tragédia de sua vida: perdeu a filha de dois anos em um acidente de trânsito. O casamento de três anos acabou. Ele admite ser alguém difícil de conviver, pois prejudica as pessoas. Relata que agora, no presente do tempo narrativo, em 2012, passa os dias bebendo.

Enquanto dirige, Rust tem uma visão, um *flash-back* causado pelo uso de drogas durante os quatro anos em que atuou em um departamento de entorpecentes (Figura 2). Ao volante, vê luzes distorcidas na rodovia. É como um “teto”, porém a cena tem em si uma motivação simbólica oriunda da imagem arquetípica da luz e do simbolismo espetacular em deformação. As luzes disformes movimentam uma liquefação dos sentidos e dos valores purificantes e luminescentes que levam ao saber, ao conhecimento e à civilidade – qualidades que faltam à comunidade local. As luzes irregulares vistas por Rust seguem uma deturpação semelhante à conduta danosa do as-

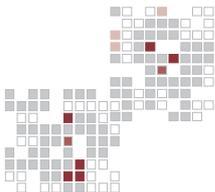




Figura 2: Rust tem uma visão, ou um *flash-back*, enquanto dirige. Foto: Reprodução.

sassino. No tormento de Rust amplificado pelo *flash-back*, a luz liquefeita tem paralelo simbólico com os comportamentos nefastos do criminoso – os quais Rust ainda é incapaz de evitar.

Em novo *flash-back* (Figura 3), Rust, que sofre de insônia, pesadelos e estresse pós-traumático, percebe o céu mudando de cores, assumindo tom metálico avermelhado. O dínamo simbólico é novamente a imagem arquetípica da luz, e mais uma vez em semantismo reversível. Como no *flash-back* anterior, essa luz também move valorizações negativas: distorção, desvirtuamento, vertigem, opressão. É uma luz que cega o protagonista, que o repele.

Em investigação, Rust e Martin encontram as ruínas de uma igreja em uma área pantanosa perto de setor industrial. Ao sair do carro, uma revoada de pássaros forma o símbolo marcado pelo serial killer no corpo de suas vítimas (uma espécie de espiral). Em sua fala, durante entrevista, em 2012, Rust revela essas visões e dá a entender o quanto pode ser genial e desesperado ao mesmo tempo. “Naquela época, com as visões, eu achava que tinha enlouquecido. Mas em outros momentos, eu achava que detinha a verdade secreta do universo”.

O episódio se encerra com um plano do sol

brilhante no céu, seguido de um movimento de câmera sobre a água escura e parada dos banhados da região, demarcados pela mata. Conforme a imaginação material elaborada por Bachelard (2013), a água é elemento estimulante de múltiplas imagens poéticas e literárias, sejam as águas límpidas e rasas, sejam as águas profundas e escuras. A água também motiva narrativas míticas e complexos poetizantes. Em *True Detective*, as valorizações negativas da água são as mais contundentes. Rasas ou profundas, são águas mortas ou águas de morte, como veremos a seguir.

***True Detective* s01e03**

Dora, a menina morta, havia dito a uma amiga que estava em uma “igreja” e que se tornaria “freira”. Em um culto religioso fanático, Rust fala a Martin sobre o sentido da vida e sobre como as pessoas usam a religião e “as fantasias” que “desvirtuam as leis do universo” para “suportar mais um dia. Ambos descobrem novos casos de meninas mortas. A investigação os leva a uma humilde localidade de pescadores no pântano (48:14 – 48:57). Lá, entendem a ligação de uma dessas garotas com a família Ledoux.

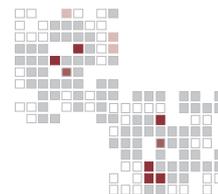


Figura 3: Rust é observado por Martin durante novo flash-back envolvendo luzes.
Foto: Reprodução.



230

A água se sobressai novamente neste episódio. Uma cena (Figura 04) mostra uma vítima às margens do pântano. No Delta do Mississippi, águas paradas, rasas e mórbidas banham o corpo de uma vítima, movimentando sentidos obscuros. O roteiro da série acaba desvirtuando o Complexo de Ofélia do qual fala Bachelard (2013, p. 82-95). Imagem poética fundamental no devaneio das águas ligado à morte, o Complexo de Ofélia diz respeito justamente a uma morte apaziguante nas águas acolhedoras de um rio, às quais a personagem da obra *Hamlet*, de William Shakespeare, entrega a vida. De fato, a personagem de *True Detective* em questão não teve uma morte pacífica pelas águas, como no Complexo de Ofélia. Entretanto, é inegável a inspiração simbólica e a

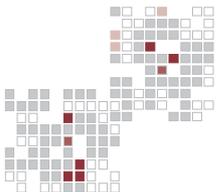
solução visual do seriado para a encenação dessa morte nas águas rasas do Mississippi.

True Detective s01e04

Os investigadores Gilbough e Papania afirmam que Rust poderia estar por trás dos crimes, e que estaria inventando uma história para incriminar e/ou responsabilizar alguns poderosos locais. Já o ex-namorado de Dora, Charlie, revela que a família Ledoux comandaria um culto satânico, sendo responsável por mortes de crianças e mulheres.

True Detective s01e07

A narrativa do tempo presente coloca Rust e Martin em contato novamente após anos afastados. Ainda que separados, ambos tentavam



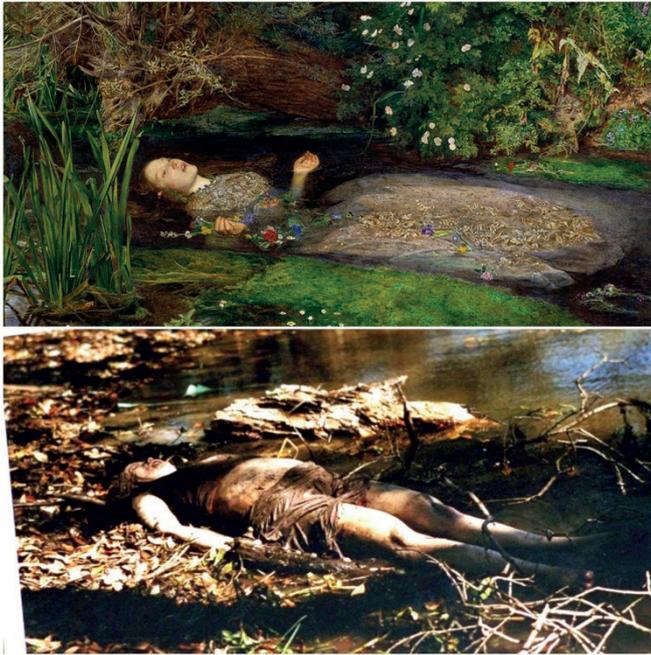


Figura 4: Acima, a pintura Ophelia (1851), de John Everett Millais. Abaixo, corpo de uma das vítimas do serial killer procurado pela polícia em True Detective. Fotos: Reprodução.

despistar Gilbough e Papania. Agora, buscam solucionar o caso aberto em 1995 para salvar a própria pele. Rust finalmente descobre o paradeiro do assassino Errol Childress (Glenn Fleshler), revelado por uma senhora. Ela fala sobre o mito de Carcosa, que existe na literatura—como uma cidade lendária. Em *True Detective*, Carcosa seria o local de adoração satânica, cenário do clímax no último episódio. Ainda assim, em sua fala a senhora dá outro sentido ao termo: “Carcosa, aquele que come o tempo. (...) A morte não é o fim”.

True Detective s01e08

Rust e Martin encontram Errol em Carcosa, espécie de túnel ramificado, com chão batido, armações ritualísticas e galhos secos em uma ambientação sombria motivada por simbolismos tectônicos das trevas. À espreita, o assassino chama Rust: “Venha comigo, garotinho. Ande pelo corredor da noiva. Você está em Carcosa. Venha morrer comigo”. Errol está em seu centro de

mundo simbólico (ELIADE, 1992), local mítico por excelência, canal de convergência cósmica, palco ritualístico sagrado ou pagão. Em frente a um mórbido altar, Rust tem uma de suas visões. No alto, avista uma espécie de ciclone luminoso ou portal cósmico. Em êxtase, é esfaqueado pelo assassino. Socorrido, Rust surge no leito de um hospital com um visual semelhante a um Jesus renascentista.

Ao final, Martin e Rust conversam. O protagonista fala que quando estava na escuridão (do sono, do sonho, do inconsciente, do coma, de suas trevas?) ele, sua filha e seu pai se encontram após a morte (pois “a morte não é o fim”) e se desvanecem na obscuridade. Nas profundezas do breu, ele podia sentir a filha e o pai. Naquele momento ele se sentia parte de tudo o que tinha amado. E tudo o que era preciso, então, era se deixar levar, pois nada havia além desse amor. Assim o faz, mas não desvanece no escuro nem morre. Acorda. Rust conclui que toda história se resume a uma única narrativa. A mais antiga de todas: a da luz contra a escuridão.



Figura 5: Rust entra no labirinto de Carcosa, onde tem nova visão. Fotos: Reprodução.

5. Considerações finais

Neste artigo, observamos as motivações simbólicas que dinamizam a primeira temporada da série de TV *True Detective* (2014/HBO). A análise considerou a narrativa tanto como antiga forma de contar histórias quanto como resultado das capacidades humanas de simbolização e de produção artístico-cultural, evidenciando o imaginário antropológico como um grande sistema dinamizador de imagens simbólicas de raiz arquetípica capaz de motivar a produção cultural e midiática. Realizamos uma leitura simbólica dos elementos imaginários que inspiram a narrativa seriada levando em conta tanto elementos da linguagem audiovisual, como imagens técnicas em movimento, direção de arte, fotografia, efeitos visuais e atuação, quanto aspectos de roteiro, premissa, trama e história narrada. Entendemos que o roteirista, ao tecer uma trama cheia de detalhes para o espectador, se coloca como sujeito imaginante que elabora um produto cultural e midiático respondendo a motivações simbólicas. Esse dínamo imaginário, portanto, transparece em sua obra.

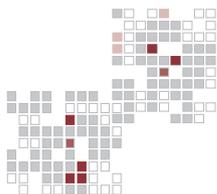
Essa motivação simbólica é múltipla, porém Eliade, Bachelard e Durand concordam que sua origem está nos arquétipos delineados por Jung. Fruto da experiência humana e de nossa evolução psicossocial, fixados no inconsciente coletivo, os arquétipos irradiam uma potência simbolizadora capaz de contagiar nossa produção de imagens, discursos, cultura e mídia. Sendo assim, os Estudos do Imaginário apresentam caminhos interessantes para a interpretação crítica desses conteúdos semânticos e energéticos.

Desse modo, buscamos compreender como se articulou essa carga simbólica altamente prenha e quais elementos imaginários estimulam *True Detective*. Nossas interpretações demonstraram que

as dinâmicas arquetípicas de vida/morte e de luz/trevas energizam a narrativa seriada desde as linhas de seu roteiro até alguns dos elementos técnico-estéticos estruturantes de sua linguagem audiovisual.

Se no mundo químico-biológico vida e morte não podem ser dissociadas, o mesmo ocorre com o teor simbólico decorrente desses dois fatos da existência. Portanto, esses aspectos fisiológicos despertam imagens arquetípicas e simbolismos próprios, opostos e complementares, que devem ser compreendidos em sua convergência. Em *True Detective*, a imagem arquetípica da vida surge ligada aos simbolismos de fertilidade que motivam a história e as imagens técnicas presentes em muitas cenas. Tendo em vista as coincidências opostas do imaginário, também constelam aqui a imagem arquetípica da morte e as impactantes imagens técnicas de corpos mortos de meninas férteis, encenados em locações marcadas pelos elementos cosmológicos terra e água – os quais, como demonstrou Bachelard, também originam sentidos poéticos de vida e morte.

Esse tensionamento também é representado pelo protagonista da série, o investigador Rust, que oscila entre momentos de tranquilidade tensa e de instabilidade desconcertante. O protagonista é motivado simbolicamente pelo Eremita, arquétipo do mentor, consultor ou guia que, em seu isolamento, segue uma busca constante pela luz do saber. Porém, Rust também move traços da imagem arquetípica do herói, com capacidade de discernimento sobre a realidade e uma trágica disposição para enfrentar o tempo destruidor, a queda moral e as trevas que afligem a todos. Essas qualidades constelam com o simbolismo espetacular ligado à ascensão simbólica e ao arquétipo da luz, que ajudam o protagonista a se erguer, opondo-se diretamente à derrocada e à escuridão opressivas – como destaca sua fala final.



REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gastón. *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- _____. *A terra e os devaneios da vontade – Ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos – Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FLUSSER, Villém. *A filosofia da caixa preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.
- JUNG, Carl G.. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAMET, David. *Os três usos da faca: sobre a natureza e a finalidade do drama*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

